

Tradução de uma seleção de textos utópicos de William Morris', seguida de "Nota Explicativa"



Maria Cândida Zamith Silva | CETAPS – Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies | Universidade do Porto, Portugal

Seleção de textos com um forte pendor utópico

1.- De *News from Nowhere* (1890)

[...] Os campos à roda que, ao passar por eles anteriormente, se tornavam dia a dia mais sórdidos, cada vez mais marcados com o carimbo da 'agitação e vida intelectual do século XIX', já não eram intelectuais, mas tinham-se tornado de novo tão belos quanto deviam ser [...]

2.- De *The Earthly Paradise* (invocação) (1868)

"Esquece os seis condados¹ de seu fumo toucados,
Esquece o bater do êmbolo e o bufar do vapor
Esquece a expansão crescente da hedionda cidade:
Pensa antes no cavalo pelas dunas passando,
E sonha com Londres, pequena, branca, lavada,
O claro Tamisa de verdes jardins debruado."

3.- De "The Manifesto of the Society for the Protection of Ancient Buildings"

[...] O mundo civilizado do século XIX não tem o seu próprio estilo entre os numerosos estilos de outros séculos de que tem conhecimento.[...] Mas aqueles

¹ Os seis condados à roda de Londres

que fazem acontecer as mudanças nos nossos dias, sob o nome de Restauro, enquanto afirmam que trazem um edifício de volta ao melhor tempo da sua história, não têm qualquer orientação senão cada um a sua própria fantasia a dizer-lhes o que é admirável e o que é desprezível; enquanto a mesma natureza da tarefa que têm os compele a destruir alguma coisa e substituí-la pelo que imaginam que os anteriores construtores teriam ou poderiam ter feito.[...]

[...] nós rogamos e apelamos aos que têm de tratar com eles que indiquem Protecção em vez de Restauro, para protelar a decadência pelos cuidados diários [...] que não mostrem pretensão de outra arte e, por outro lado, se oponham a interferir na adulteração quer da estrutura quer dos ornamentos do edifício tal como ele está.

4.- De *The Lesser Arts* (conferência 1877)

[...] Tudo o que é feito pelas mãos do homem tem uma forma, que tem de ser ou bela ou feia; bela se estiver de acordo com a Natureza, e a ajudar; feia se estiver em desacordo com a Natureza e a ela se opuser; não pode ser indiferente. [...] Dar prazer às pessoas com as coisas que elas têm por força de *usar*, essa é a grande função da decoração; dar às pessoas prazer com as coisas que têm por força de *fazer*, essa é a outra utilidade dela. [...]

5.- Letters: 1 de Junho 1884 (para Georgiana Burne-Jones)

[...] Alguns daqueles que trabalham para mim têm parte nos lucros formalmente: suponho que ganhei no último ano ou dois cerca de £1800. Wardle cerca de £1200, os Smiths cerca de £600 cada. Debry e West £400. Todos estes têm parte directa nos lucros. Kenyon, o misturador de cores, e Goodacre, o capataz de tinturaria, também têm uma espécie de bónus sobre o montante das mercadorias saídas; os outros, ou trabalham ao dia ou são pagos à peça, estes

últimos são a maior parte: em ambos os casos recebem mais do que o preço do mercado pelo seu trabalho: duas ou três pessoas por aí não são úteis à firma e são mantidas pelo princípio do "vive e deixa viver", que não é um mau princípio, acho eu, como as coisas estão, apesar da Charity Organization Society.

A firma tem, naturalmente, um certo capital de maneio, cerca de £1500, o que é muito pouco para o movimento de mercadorias: isto nominalmente é meu, mas claro que eu não posso tocar-lhe enquanto a firma estiver activa, e se a firma fechasse duvido que se conseguisse obter mais do que o necessário para pagar as dívidas, porque as mercadorias vendem-se sempre por menos do que o seu valor nas vendas forçadas [...]

6.- Letters: Kelmscott Manor Agosto 1895 (para Georgiana Burne-Jones)

[...] Foi uma tarde maravilhosa quando vim até aqui, já estava a contar gozar a viagem de Oxford até Lechdale, e assim foi; mas – ai de mim! – quando passámos por aquele encantador jardimzinho perto de Black Bourton, vi todos os meus piores receios realizados; pois ali estava o pequeno celeiro que nós vimos a ser consertado, com a parede deitada abaixo e acabado com um telhado de ferro zincado. Fiquei doente quando o vi. É assim que as coisas estão a ir agora. Dentro de vinte anos tudo terá desaparecido desta paisagem, que há vinte anos era tão rica em belas construções: e nós não podemos fazer nada para ajudar ou corrigir isso. Entretanto eu não posso fazer mais nada se não um pouquinho de "Anti-Scrape"² – doce para os olhos quando visto. Agora que eu já cheguei a velho e vi que nada se pode fazer, quase desejo nunca ter nascido com o sentido do romance e da beleza nesta desgraçada era [...]

² "Scrape" era para Morris a designação abreviada da Society for the Protection of Ancient Buildings.

Nota Explicativa

William Morris foi toda a vida um visionário e um utopista, perseguidor de sonhos e projectos tendentes a assegurarem beleza e bem estar para todos. Sempre se adaptou mal às condições discriminatórias existentes na sociedade do seu tempo, trabalhando incansavelmente para as modificar. Conforme Gillian Naylor lembra, "he was a man at odds with his own times, his own class, and his own conscience, and he was determined to do something about it" (Naylor: 15)³ O próprio William Morris se referiu mais de uma vez, nos seus escritos, à sua aspiração de fomentar e ajudar a criar uma sociedade mais igualitária, em que todos pudessem usufruir dos mais altos benefícios da civilização. Nas suas palavras: "What business have we with art at all unless all can share it?" A par desta convicção, ele preconizava a aproximação à natureza, a sua preservação, o cultivo de gostos simples e comunitários, como os que encontrava nas descrições da Idade Média. Nelas também o fascinava o facto de cada artesão poder acompanhar a manufactura de cada produto do seu trabalho desde o início até ao objecto completo, que ele considerava muito mais humana e digna do que a produção em série trazida pela revolução industrial.

Sendo um infatigável lutador pelos seus ideais, Morris embarcou sucessivamente em iniciativas nobres mas pouco realistas, destinadas a trazerem-lhe desilusões sucessivas, que se vão notando nos seus escritos de toda a ordem. No entanto, essas desilusões nunca o levaram a desistir dos seus esforços altruístas. Cada sonho que morria era sucedido por um outro novo, pois a sua confiança nas possibilidades de melhoramento da sociedade e da aproximação a níveis mais igualitários nunca foi por ele posta em causa.

³ Gillian Naylor (ed.). *William Morris by Himself: Designs and Writings*. London, Time Warner Books UK, 2004.

A escolha dos textos acima deveu-se a esta característica ímpar do espírito utópico de Morris. Nenhum dos textos pode ser considerado um genuíno 'documento utópico', mas as expressões utilizadas, as convicções expressas e os sentimentos desvelados deixam vislumbrar uma vida toda consagrada a ideais utópicos, perseguidos incansavelmente, sucedendo-se uns aos outros ou vários concomitantemente. Embora a expressão máxima destes ideais esteja concentrada no seu livro *News from Nowhere*, publicado poucos anos antes da sua morte, eles não se confinaram apenas à literatura. Morris acarinhou, aprendeu e praticou todas as artes, particularmente as consideradas menores, 'the lesser arts', que ele elevou a uma excelência e dignidade nunca antes atingidas no seu século. Isto pode ser detectado nos excertos escolhidos, assim como o seu empenhamento nos muito concretos campos político e social, onde o seu dinheiro e os seus esforços conseguiram resultados visíveis, embora, infelizmente, muitas vezes efémeros ou rapidamente contaminados por interesses que lhe eram alheios.

A personalidade de William Morris pode contar-se entre as mais nobres e excepcionais de todos os tempos, e os seus ideais, por mais utópicos que se revelassem, podem servir de exemplo às aspirações de qualquer sociedade.